

# MEMÓRIA CULTURAL: AS NOVENAS DE TERNO E A CRIAÇÃO DO GRUPO SAMBA DE COCO MESTRE ZÉ ZUCA

Willams Lucian Belo Ramo<sup>1</sup>

**Resumo:** A Novena de Terno é uma expressão cultural relacionada com o catolicismo popular, praticada nas comunidades rurais do município de Queimadas, no Estado da Paraíba. Suas performances ocorrem tradicionalmente há várias décadas em diversos terreiros, através da organização de pessoas engajadas em dar continuidade aos traços culturais herdados pelos seus ancestrais. Para garantir a passagem de seus ensinamentos e compartilhar seus conhecimentos performáticos, criou-se o grupo Samba de Coco Mestre Zé Zuca, que realiza apresentações para além das comunidades rurais e ressignifica os traços culturais de sua localidade. Assim, o presente artigo busca apresentar a dinâmica cultural que mantém a Novena de Terno em atividade e refletir sobre a atuação do grupo durante suas apresentações.

**Palavras-chave:** memória; cultura; performance; novena; coco.

## CULTURAL MEMORY: THE NOVENAS DE TERNO AND THE CREATION OF GROUP SAMBA COCO MASTER ZÉ ZUCA

**Abstract:** The “Novena de Terno” is a cultural expression related to popular catholicism, practiced in rural communities in the municipality of Queimadas, in the state of Paraíba. Their presentations have traditionally taken place for several decades in various backyards, through the organization of people engaged in continuing the cultural traits inherited by their ancestors. To ensure the passage of his teachings and share his performance knowledge, the Samba de Coco Mestre Zé Zuca group was created, which performs beyond rural communities and reframes the cultural traits of its locality. Thus, this article seeks to present the cultural dynamics that keep “Novena de Terno” in activity and to reflect on the performance of the group during its presentations.

**Keywords:** memory; culture; performance; novena; coco.

---

<sup>1</sup> Mestre em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Campina Grande, Paraíba. E-mail: willamslucian@gmail.com

## PERFORMANCE, DEVOÇÃO E ALEGRIA

O terreiro de Seu Jaime e Dona Euzinete se tornou, no sítio Verdes da cidade de Queimadas-PB, o ponto central das novenas de Terno que vem aglutinando um considerável número de pessoas nestes últimos trinta e seis anos de tradição. A família materna de Seu Jaime é oriunda do município de Machados-PE (local onde Dona Cema morou durante sua infância) e a família de seus pais e toda a família de Euzinete são naturais do sítio Verdes. Seu Jaime conta que o próprio terreiro está relacionado a um pedido feito a São Sebastião: após o nascimento dos seus primeiros filhos (dois homens e duas mulheres), ele teve a necessidade de ir trabalhar no Rio de Janeiro e, por não se adaptar àquele novo espaço e aos seus modos de vida, pediu ao Santo para que conseguisse se fixar no seu local de origem. Após comprarem o atual terreno (onde trabalham como pequenos comerciantes em sua “bodega” conjugada, na casa onde moram há aproximadamente quarenta anos) sentiram-se na obrigação de realizar a novena todos os anos, em forma de agradecimento.

Com a extinção da prática das caieiras na localidade, momentos que mesclavam o trabalho de queimar tijolos artesanais com a festividade coletiva, ao som do coco e dos tragos de cachaça, a comunidade passou a encontrar apenas as poucas novenas como principal momento de confraternização e de execução do coco. Percebe-se que as novenas funcionaram como cíclicas ações de resistência e passagem da *memória coletiva* destes traços culturais para as gerações seguintes e pessoas em geral – já que suas celebrações são abertas para um público sem restrição de idade ou crença; através da reatualização de um conjunto de atos performáticos que são passados “incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade” (Halbwachs, 1990, p. 22).

Esses momentos fomentaram laços coletivos para que em 2009, fosse criado o grupo Samba de Coco Mestre Zé Zuca, sob a coordenação de Adilson Tavares, consagrando na comunidade o terreiro de Seu Jaime e Dona Euzinete, como uma espécie de sede do grupo para reuniões e encontros ocasionais e tornando, conseqüentemente, o sítio Verdes, o epicentro deste modo de vivenciar a memória cultural daquela comunidade.

Essas práticas culturais, que envolvem aspectos relacionados às visões de mundo de seus participantes, foram encaradas por muito tempo como elementos não excepcionais de suas vidas e, há aproximadamente duas décadas, após a morte de Zé Zuca em 1986, passaram a ser encaradas como expressões da cultura popular do sítio Verdes e, conseqüentemente, de Queimadas. Essa mudança de foco na maneira de compreender os aspectos culturais da novena de Terno e do coco, deve-se à figura de Adilson Tavares, idealizador e coordenador do grupo SCMZZ; com a parceria da Secretaria de Cultura do município. Podemos conferir no relato a seguir, como se deu a criação do grupo:

Eu sempre gostei da cultura popular de Queimadas. Desde criança que eu observo meu pai dançando, que eu observei minha família dançando coco de roda, observando as novenas de terno, né? Até as queimadas das caieiras, sempre teve os cocos de roda... eu sempre admirei. E, então, assim... Era uma coisa que nunca era valorizada. A partir de 2009, eu levei a informação que existia essa cultura para o poder público do município. Eles se interessaram, fizeram alguns documentários, tiraram algumas fotos, fizeram tipo um pequeno documentário sobre o nosso grupo e, a partir daí, surgiu aquela proposta de se formar um grupo, tirando a dança da novena católica, pra fazer apresentações, tanto no município, quanto fora do município<sup>2</sup>.

Adilson Tavares preparou um projeto descritivo das novenas de Terno e do coco, juntamente com fotografias e vídeos, entregando-o a Amélia Dutra Guimarães, Secretária de Cultura do município, que o assessorou durante os primeiros momentos da formação do grupo SCMZZ. Adilson Tavares, atualmente é servidor público de um Posto de Saúde do Centro de Queimadas, ainda morador do Sítio Verdes. Acompanhou quando criança o fim das “queimadas das caieiras”, onde o coco era executado durante seu processo de trabalho; assim como as noites da novena que continuaram sendo praticadas na comunidade: a “observação” das expressões que vivenciou desde sua infância aponta para a caracterização de um termo intelectualizado, ou seja, a utilização da expressão “cultura popular”, que possui, como ato implícito, atualizar os debates em torno da própria definição de cultura, “(...) a propósito de um conceito que quer delimitar, caracterizar e nomear práticas que nunca são designadas pelos

---

<sup>2</sup> Trecho do relato captado dia 07/02/2015, no terreiro de Seu Geraldo e Dona Luzia, no Sítio Sulapa – Queimadas-PB.

seus atores como pertencendo à cultura popular” (Chartier, 1995, p. 179); incorporando-lhes um caráter político para sugerir diferenciações em relação à cultura erudita (onde a influência da escrita possui um fator determinante). Assim, observamos o posicionamento de Adilson Tavares, como um ato de ressignificação dos patrimônios orais vivenciados por parte da comunidade em que a novena é executada. Como pano de fundo, temos a necessidade de resgatar lembranças coletivas como elementos que dão sustentação histórica para a criação do grupo SCMZZ e, ao mesmo tempo, instaurar um reconhecimento destas práticas como elementos “culturais”.

Para a sua criação, o grupo teve que rememorar acontecimentos históricos e sociais da trajetória destes costumes no conjunto de sítios e fora deles, já que sua história está relacionada com as localidades já mencionadas do estado de Pernambuco. Erigindo a figura de Zé Zuca como o mestre do grupo, de alguma maneira acabaram por mitificar um personagem que não transitou na vivência social de todos os integrantes, mas que se tornou simbólico dentro da narrativa coletiva que atravessa as comunidades rurais de onde fazem parte. Sobre isto, podemos conferir:

Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens freqüentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa (Pollack, 1992, p. 2).

Mas é certo que a maioria dos integrantes do grupo deixa evidente através de seus relatos, que suas vivências religiosas ou lúdicas, não seriam futuramente “recepcionadas” como objetos de discussões científicas, pois referem-se a suas experiências como atos de devoção e brincadeira, imersas num ambiente intimamente familiar e delimitado por relações tradicionais, travadas na zona rural de uma pequena cidade do interior paraibano. No relato a seguir, Adilson enfatiza as primeiras dificuldades enfrentadas pelo grupo e, paralelamente, expõe a necessária criação de um personagem para transitar na memória coletiva do grupo, como uma espécie de ícone que representa um peculiar traço cultural da zona rural da cidade:

Para formar um conjunto de coco, não é tão simples, né?  
De repente... tem vinte e tantas pessoas que fazem parte do

conjunto; em tal momento, em tal hora e em tal semana, têm uma apresentação em tal lugar. Não é todo mundo que tem essa disponibilidade. Então para participar de um conjunto de coco, tem que gostar muito, porque a gente deixar a casa da gente, deixar a família da gente para participar de uma dança, muitas vezes sem ganhar nada, é pra quem gosta mesmo. Eu me preocupei com isso. Eu conversei com vinte e quatro dançarinos, doze mulheres e doze homens. A gente conversou, teve uma reunião e nós combinados para formar um grupo. Então, como finado Zé Zuca foi o precursor da cultura aqui na zona rural de Queimadas, nós achamos melhor batizar o conjunto de Samba de Coco Mestre Zé Zuca que, até então, foi ele quem trouxe essa cultura de Pernambuco aqui para a Paraíba<sup>3</sup>.

Por ser um grupo composto de uma maioria formada por pessoas pobres (aposentados(as), trabalhadores(as) rurais e ou autônomos(as) em diversos tipos de serviços), Adilson se refere, implicitamente, aos primeiros problemas enfrentados pelo grupo, no que diz respeito à própria diversidade de sua composição. Dentre os seus vinte quatro integrantes, neste período, apenas sete tinham abaixo dos 35 anos, o restante chegava até a casa dos noventa anos (Severina Ferrin). Além disso, partes dos integrantes moravam em sítios diferentes (Verdes, Sulapa e Campo Comprido), incluindo o centro urbano de Queimadas (Centro e Castanho), dificultando a reunião integral do grupo para reuniões e apresentações. Entretanto, sua iniciativa de criar um grupo de apresentações externas à comunidade, aos poucos, desencadeou uma percepção diferenciada naqueles que vivenciavam suas expressões simbólicas, como parte do conjunto de suas visões de mundo, não entendidas até então, como “folclóricas”, “poéticas”, “populares” ou “performáticas”. Percebe-se aos poucos que ao serem reconhecidos como “artistas populares” fora da comunidade, os integrantes do grupo foram progressivamente levados a se assumirem como possíveis portadores de uma valiosa sabedoria.

Há um entrave que recaí sobre as contradições do próprio conceito de “popular”, informando como sua aplicação na vida social pode gerar fissuras nas relações que envolvem as pessoas, principalmente quando se trata de questões econômicas, por exemplo. Isto pode ser observado em desentendimentos

---

<sup>3</sup> Trecho do relato captado dia 07/02/2015, no terreiro de Seu Geraldo e Dona Luzia, no Sítio Sulapa – Queimadas-PB.

ocorridos entre o grupo logo após a sua criação, por conta do prêmio destinado à Dona Cema, como Mestre de coco em 2009 (recebido em 2010). O grupo que inicialmente contou com a colaboração da Secretaria de Cultura, recebendo doações de instrumentos, figurinos, transporte, alimentação e cachês simbólicos durante as primeiras apresentações na cidade, conseguiu manter sua articulação interna para a regularidade da presença dos participantes, mesmo sendo sua maioria, composta por idosos moradores de localidades distintas.

Em 2009, ocorreu a seleção do Prêmio Culturas Populares – Edição Mestre Dona Izabel e a Secretaria de Cultura de Queimadas, inscreveu Dona Cema como possível mestre de coco da região. É notório o clima de descontentamento de alguns integrantes do grupo, quando relatam em tom cerrado, que o prêmio deveria ter sido dividido entre todos os integrantes de maneira igualitária – pois acreditavam que a criação do grupo e sua atuação seriam as ações responsáveis para que o prêmio tivesse sido obtido. Por não possuírem conhecimento burocrático na produção de projetos culturais, não compreendiam que o prêmio em questão elencava apenas Dona Cema como mestre, ou seja, nem mesmo Dona Cema ou sua família, possuíam meios de discutir algum modo de divisão da quantia (dez mil reais) porque não participaram diretamente da elaboração do projeto enviado para o Ministério da Cultura. Além do mais, seria problemático para todos os envolvidos, caso a divisão não fosse mencionada previamente no projeto enviado. Sendo importante salientar que, dentro do próprio “mito” criado em torno figura de Zé Zuca, onde se misturam aspectos sociais da comunidade, Dona Cema também se destaca no grupo SCMZZ como a única mulher que domina o toque, o canto e a dança (as outras mulheres apenas dançam); assim como pode ser considerada uma excelente contadora de histórias. No trecho a seguir, ela conta implicitamente, como recebeu de herança a zabumba de seu irmão, como forma simbólica de passagem do seu ofício:

Ele disse: ‘Olha comadre’. Tava já morrendo. ‘Quando eu morrer essa caixa é tua’. Tá certo, compadre. – Eu morava no sítio Cavaco, em Boqueirão acima. Tomando conta do sítio do dono daquela empresa, Rio Doce [frota de ônibus]. Passei nove anos trabalhando para Seu Beto, dono daquela coisa. Aí quando compadre Zé Zuca adoeceu na Sulapa [sítio vizinho do sítio Verdes], aí eu deixei esse menino aqui, José, tomando conta e

desce pra tomar conta dele. Só saí de lá quando ele morreu aí ele disse: ‘Comadre, eu vou te fazer um pedido, comadre Cema, quando eu morrer, a caixa e o ganzá é teu. Não dê a ninguém, minha comadre’. Tá certo compadre, Zé Zuca!. – Mas eu achei pesado, na hora que a gente saiu do enterro, com o caixão dele, de pegar a caixa e sair com ela. Num é, meu filho? Era um absurdo, né? Aí eu deixei, quando foi com uns oito dias, descei de boqueirão, vim buscar a caixa, quando chegou cá, a malvada tinha vendido. A mulher dele, essa caixa dele tá no catolé, eu não vou em uma novena que aquela caixa tiver tocando, que eu não vou não. Porque eu já botei duzentos [reais] nela, mas não tem jeito. O cara não vende, não. Mas eu ainda pego aquela caixa de compadre Zé Zuca. Antes de morrer, ainda pego. Caixa dele veio do Rio [de Janeiro]. Mas a mulher, quando eu cheguei, “comadre, vim pegar a caixa que compadre Zé Zuca me deu”. ‘Mas comadre, pois, o menino num vendeu a tua caixa’. É, tem mais o que o fazer, né? Mas ele não vende não<sup>4</sup>.

Tratando-se de um grupo de pessoas de origem subalterna, formado por donas de casa, agricultores(as), criadores(as) de animais, pequenos(as) comerciantes, mecânicos, motoristas, vigias, etc; é certo que o mesmo não chegou a se esfacelar, continuaram suas atividades e, embora sejam todos bastante receptivos, alguns integrantes passaram a enfatizar um certo tom de desconfiança com todos aqueles que se aproximavam com intuítos de colaboração ou curiosidades “científicas” – em consequência dessa problemática, como pude perceber durante os primeiros contatos com o restante do grupo. Além do mais, Dona Cema, aos oitenta e dois anos de idade, pôde adquirir com o valor deste prêmio a sua primeira casa própria no sítio Guritiba, lugar onde pude lhe conhecer ao final de 2010.

Este caso evidencia como podem ocorrer rupturas no modo de encarar a própria cultura, quando esta é abalada pelo contato com instâncias públicas ou privadas, que utilizam a “cultura popular” apenas como moeda de troca, para conseguir “favores” dos “populares” (neste caso, leia-se “pobres”) que, geralmente, incluem implicitamente o voto e outras formas de apoio político. Todavia, foi por meio dessas relações que o grupo pode ampliar suas próprias noções de cultura popular, através de algumas viagens realizadas para fora da cidade. Reconhecido pela Funarte em 2010, o grupo SCMZZ chegou a se apre-

<sup>4</sup> Trecho do relato captado dia 28/11/2014, no terreiro de Dona Cema, Sítio Guritiba – Queimadas-PB.

sentar em algumas cidades do estado paraibano: Campina Grande, Fagundes, Barra de Santana, Aroeiras, Caturité, Boqueirão, Cabaceiras, Areias, Itabaiana e João Pessoa; como também: Recife-PE, Ilha de Itamaracá-PE, Limeiro do Norte-CE e Laranjeiras-SE. Participando de eventos que envolviam aspectos da cultura popular, o grupo pode conhecer outros tipos de expressões, comparar e negar aquilo que não parecia com os seus costumes, como se pode conferir no seguinte relato de Dona Cema:

Aí chegamos. A gente subiu para prédio, lá pra cima, jantamos, trocamos de roupa e descemos. Nada de chegar na praia. O rapaz que estava tomando conta era Paulo. Cadê Paulo? Chega nessa praia hoje não, é? ‘Chega Dona Iracema’. Quando deu fé, chegamos e, de longe, era uma roda de coco que dava dois terreiros desse. Chegamos lá e tava o povo: úí, úí, úí [interjeição aguda] e elas batendo na caixa. Eu digo, ô Paulo, isso num é macumba, infeliz? É uma macumba e forte! Aí a gente foi e disseram: “O coco da gente daqui é assim”. E eu digo: e é? Aí dançaram, dançaram, dançaram, dançaram, a gente lá, ficamos tudo em pé. Eu digo: é macumba. Aí fizeram... um salãozinho que fizeram pra gente dançar, bem pertinho da praia que a água batia aqui assim. Pra gente dançar três coco de roda, só. Duas de coco de roda, dois de márgui [mergulho] e duas cirandas, cá em baixo, no pé da praia. Aí depois subimos, Adilson mandou a gente subir, subimos. Quando chegamos lá, entregaram a caixa, lá eu não dancei não, me entregaram a caixa, pra tocar mais compadre Zé Zuca, compadre Geraldo. Aí fizeram a roda de coco, aí Adilson entregou o papel ao rapaz, o rapaz subiu. Falou pra eles: ‘agora, já se apresentaram, quem vai se apresentar agora é o coco dos Verdes, município de Queimadas, Mestre Zé Zuca’. Aí pronto, aí peguemos. Aí fizeram uma roda bonita, roda de coco dos meninos da gente e eles por de trás com outra assim. Mas ficaram tudo doido, doido, nunca disseram que tinha visto um coco daquele, nunca! Aí um rapaz me chamava, umas meninas diziam: ‘É eu? –Não. É eu? –Não’. Aí eu disse é eu? Eu tava tocando na caixa. Aí eu disse, é eu, moço? ‘É a senhora mesmo, faça um favor’. Aí descí, entreguei a caixa ao menino de compadre Geraldo e descí. Quando cheguei, ele disse: ‘posso tirar um retrato mais a senhora?’ Pode! Tiremos, ele disse: ‘Agora eu quero fazer uma pergunta senhora’. Eu disse, pode perguntar. ‘Aquele coco que a senhora tirou primeiro, que coco é aquele?’ Eu digo, é coco de roda, rapaz. ‘E aquele outro que a senhora tirou?’. Eu digo: de mergulho<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Trecho do relato captado dia 28/11/2014, no terreiro de Dona Cema, Sítio Guritiba – Queimadas-PB.



Neste trecho do relato de Dona Cema, sobre V Encontro de Mestres do Mundo<sup>6</sup>, percebe-se como o seu patrimônio cultural é ironicamente elencado como medida para determinar o que seria “coco” ou “macumba”. Este relato evoca duas coisas importantes: a primeira diz respeito à implícita preocupação na diferenciação entre as *formas* de uma *performance*, que podem variar em um mesmo “gênero oral”, de acordo com as regras convencionais que foram estabelecidas pelos grupos sociais que as praticam. A disposição dos participantes do grupo SCMZZ durante as apresentações ocorre com os tocadores posicionados ao lado da roda dos(as) dançarinos(as). É possível constatar que suas *formas poéticas* são marcadas pela necessária coletividade, sendo o coco de roda aquele em que é possível detectar um maior número de público em sua roda, por se tratar de um coco onde a conectividade da dança é ritmicamente elaborada para ocorrer de forma contínua e sem desafios. Já o coco de mergulho e/ou furado, por envolver o desafio e a capacidade de improviso durante as ações performáticas, o público aparenta se sentir mais incluso no coco de mergulho, por este possuir, como uma de suas regras, a proibição das rasteiras; diferentemente do coco furado, que seria uma “intensificação” do coco de mergulho, onde é explícita a possibilidade haver rasteiras (“puxada de pé”) como respostas aos contínuos desafios.

Estes dois tipos de coco performados pela comunidade (coco de roda e de mergulho/furado), excedem os limites da primazia linguística do “texto” (do canto oral), sendo esta uma das características do coco (até mesmo o de “embolada”, pela sua enfática presença da “voz viva”), pois podem carregar consigo o acompanhamento da música e da dança; sendo o coco uma das muitas *macroformas da poética da oralidade*, existentes no Nordeste brasileiro:

Quanto às formas não linguísticas, eu as agrupo como “sócio-corporais”: entendo por isso o conjunto de características formais ou de tendências formalizadoras que resultam em sua origem ou finalidade da existência do grupo social, e da presença e sensorialidade do corpo: ao mesmo tempo, o corpo fisicamente individualizado de cada uma das pessoas engajadas na performance e aquele, mais dificilmente discernível porém bem real, da coletividade que se manifesta em reações afetivas e movimentos comuns (Zumthor, 2010, p. 86).

<sup>6</sup> Apresentação realizada no dia 20 de março de 2010, em Limoeiro do Norte – CE.

Não é menos importante, o outro lado do relato de Dona Cema que expõe justamente o próprio preconceito experimentado pelo grupo na zona rural (ou centro urbano) de Queimadas. Principalmente pelo racismo que marginaliza grande parte das poéticas orais herdadas dos povos africanos ou indígenas e diluídas em diversas formas artísticas populares; denominando os praticantes do coco e de outros tipos de performances culturais, depreciativamente, como “macumbeiros”. Mesmo entrelaçado na ritualística cristã da novena de Terno, percebe-se que ainda recaí sobre o coco um conjunto de valores que o concebe como “profano” ou “primitivo”, por ser relacionado aos “batusques” africanos ou a uma coreografia que lembra os torés indígenas. A presença do grupo nas festas tradicionais realizadas no centro de Queimadas (Festa de Reis, São João, Festa da Padroeira Nossa Senhora da Guia, etc) colaborou para que este “monumento poético” fosse reconhecido como uma herança cultural da cidade. Sobre o racismo vivenciado na comunidade e as transformações positivas que o grupo ajudou a promover, Adilson Tavares relata:

Era uma dança [coco] que, até então, quando não era valorizada... era taxada como dança de negro ou como dança de índio, era taxada por essa população... por alguns segmentos da população rural, daqui de Queimadas. Mas, a partir do momento que essa dança foi se propagando. Foi aparecendo, foi ganhando espaço na sociedade, mudou um pouquinho esse pensamento<sup>7</sup>.

A intolerância religiosa também é percebida na comunidade, por parte dos evangélicos da região. Embora não seja possível especificar suas “congregações”, alguns deles demonstram incômodo em relação às novenas e à fé dos seus praticantes. Geralmente, enfatizam suas críticas por meio de um discurso diretamente antagônico ao catolicismo popular, por este último se valer simbolicamente de uma variedade de imagens de santos e santas (quadros, esculturas e, no caso da novena de Terno, a bandeira).

Embora existam algumas contradições entre as questões relacionadas às crenças cristãs, o grupo SCMZZ foi alcançando depois de sua formação, uma ampliação de suas atividades e, como já foi mencionado, passou a se apresentar nas principais festividades públicas da cidade nos espaços destinados aos artis-

---

<sup>7</sup> Trecho do relato captado dia 07/02/2015, no terreiro de Seu Geraldo e Dona Luzia; Sítio Sulapa – Queimadas-PB.

tas locais, contribuindo para sua inserção na sociedade queimadense. Como sua participação popular nas capelas dos sítios Capoeiras, Verdes, Supala e Campo Comprido, já ocorria mesmo sem a existência do grupo SCMZZ, pela presença ativa de seus integrantes nas missas celebradas na comunidade; juntos enquanto grupo, conseguiram inserir os tocadores de terno nas missas para que executassem o “beijo do altar” (fragmento da novena). O grupo passou a ser convidado para algumas missas realizadas na Igreja Matriz Nossa Senhora da Guia, pelo Padre Valdir Campelo entre 2010 e 2012, consagrando este elemento “popular” na ritualística oficial da missa católica.

A cada apresentação do grupo SCMZZ foi ocorrendo uma maior interação entre seus integrantes, fazendo surgir relatos que apontam para Dona Cema e Seu Geraldo como os principais tocadores do grupo, sendo os únicos que tocam zabumba nas exibições fora da comunidade. Entretanto, no período em que realizei a captação do material que resultou no documentário *Um Mergulho no Coco* (uma das mídias que integram a exposição multimídia) entre novembro de 2014 e março de 2015, constatei que o grupo SCMZZ passava por um momento de ostracismo, no que diz respeito às apresentações fora da cidade ou do estado, por depender das relações burocráticas com a Secretaria de Cultura da gestão do Prefeito Carlinhos de Tião, finalizadas entre 2009 e 2012. Durante praticamente toda a gestão do Prefeito Jacó Maciel, entre 2013 e 2016, o grupo não conseguiu articular formas para continuar se apresentando fora da cidade, nem ao menos, condições básicas para apresentações nas principais festas da cidade, como transporte e alimentação; ausentando-se de algumas participações no centro da cidade. O grupo continuou restringindo-se aos eventos religiosos nas capelas dos sítios e do centro, apresentando-se em algumas missas e executando o coco em algumas quermesses.

Durante o período da atual pesquisa (2017 e 2018), o grupo se apresentou na Festa de Reis de Queimadas, no dia 05/01/2017, ao lado da Igreja Matriz, em um espaço improvisado para os artistas “populares” da cidade, assim como no dia 17/06/2017 na Festa de São João, em uma palhoça no centro da cidade. Já em 2018, ocorreu um problema não informado com motorista do ônibus, responsável por trazer o grupo para a apresentação na Festa de Reis, deste modo, por morarem mais próximos do centro, compareceram apenas Dona

Marinete, Dona Iracema, Dona Conceição e Seu Antônio Felipe; realizando uma curta apresentação ao som de alguns cocos levados por Dona Marinete em um *pendrive* – ou seja, sem o acompanhamento em presença dos músicos. No dia de São José (19/03), o grupo “beijou o altar” durante a missa realizada na Capela São José na Rua Nova e, posteriormente, executou o coco ao lado da mesma, durante uma quermesse. Na festa de São João de 2018, apresentaram-se novamente ao lado da praça Tataguassu no centro da cidade, com toda a formação do grupo. Entretanto, percebe-se nesse período que, mesmo se tratando novamente da gestão do Prefeito Carlinhos de Tião, a Secretaria de Cultura não se apresenta preparada para atender as necessidades do grupo SCMZZ, não conseguindo criar uma articulação, nem ao menos parecida como aquela realizada durante sua criação.

No que se trata das novenas de Terno realizadas nos sítios da região em 2017, a de São Sebastião no terreiro de Seu Jaime e Dona Euzinete não pôde ocorrer por causa do falecimento do irmão de Seu Jaime. Foi celebrada a novena de Maria no mês de maio no terreiro de Dona Maria de Júlia, sendo a única do ano. Já em 2018, a novena de São Sebastião foi celebrada no terreiro do casal anteriormente mencionado, a de São Severino do Ramo/São Sebastião no terreiro de Severino Clementino e Genilda Clementino (falecidos), como também a novena de Todos os Santos, na capela do sítio Sulapa (da qual não pude participar). Em 2019, pude comparecer à novena de São Sebastião no terreiro de Seu Jaime e sua esposa, onde, diferentemente de 2018, compareceu uma grande quantidade de pessoas que se espalhou por toda a extensão do terreiro, contando com a presença de alguns participantes do grupo SCMZZ. Nesta ocasião, acompanhei mais uma vez, diversas pessoas filmando com seus celulares os momentos da novena, principalmente, as rodas de coco, por vezes prestando mais atenção na ação que se desenrola nas telas dos aparelhos audiovisuais, do que na performance que presenciavam.

É notório esse fenômeno massivo de compartilhamento de informações na comunidade, chegando ao ponto de Seu Jaime cogitar a ideia de transmitir a Novena de Terno pela internet, acreditando que a divulgação da novena é um fator muito importante para a sua continuidade. É perceptível uma preocupação de “registrar antes que desapareça”, por parte da própria comu-

nidade e principalmente aqueles envolvidos em sua celebração, sendo este um importante componente para a memória da comunidade, por garantir a existência de registros que, mesmo não estando dentro de um certo controle de criação, colaboram para expansão da midiaticização de sua performance; ou seja, o próprio público cria e compartilha os registros sobre a novena e o coco, ampliando deste modo, a rede de relações que envolvem este complexo cultural. Já em 2020, ocorreu a realização da novena de São Sebastião, no terreiro de Seu Jaime e Dona Euzinete, agregando um grande público como participante de toda a sua trajetória performática. Com a chegada da pandemia da COVID-19, o grupo teve de se ausentar de sua atividade, justamente, por necessitar da proximidade coletiva que busca celebrar festivamente suas devoções e alegrias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de pesquisa com o grupo e a comunidade que se reúne durante as novenas e apresentações de coco, tive a oportunidade de perceber que além dos fios da memória coletiva, que os conectam periodicamente, reside também entre eles a capacidade de inclusão do público em suas performances, como se tivessem esse intuito embutido como um conceito de ação implícita no grupo SCMZZ ou mesmo na comunidade que celebra a novena de Terno: nela é possível perceber esta tentativa de integração em suas performances, principalmente nos momentos de execução do coco.

Para além das memórias aqui mencionadas, a novena e a execução do coco guardam em sua composição elementos complexos que foram lentamente repetidos durante várias décadas pelas pessoas que as performam em Queimadas-PB, sendo perceptível a importância de um grupo que se organizou para manter suas tradições culturais em atividade. Podemos considerar que o grupo Samba de Coco Mestre Zé Zuca, tornou-se o principal fenômeno que garante atualmente a permanência da tradição da novena de Terno, sendo responsáveis por transmitir “regras performáticas” de conhecimentos ancestrais para as próximas gerações.

## REFERÊNCIAS

Chartier, Roger. (1995). *Cultura Popular*: revisitando um conceito historiográfico. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 192.

Halbwachs, Maurice. (2009). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.

Pollak, Michael. *Memória e identidade social*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

Zumthor, Paul. (2010). *Introdução à poesia oral*. Belo Horizonte: Editora UFMG.